

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Sandra Carla Simamoto da Cunha

Dominação e Resistência Operária em Uberlândia- 1940 - 1945

Uberlândia
1990

1.623

162
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - CDHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Ministério)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

Dominação e Resistência Operária em Uberlândia-1940-1945

Monografia desenvolvida na disciplina
História do Brasil VII, no 9º período
do Curso de História, sob a orientação
da professora Carmem Lúcia Figueira
Balbino.

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º

Data / /

Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia - 1990.

DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA OPRIMIDA EM UBERLÂNDIA :

- 1940 a 1945.

" O trabalhador há de vencer sem o
político e com a rebeldia. "

E. Carone.

.X.X.X.X.X.X.X.X.

ÍNDICE

01 - INTRODUÇÃO	01
02 - O MOMENTO NACIONAL - GETÚLIO VARGAS E O ESTADO NOVO.....	07
03 - UBERLÂNDIA - DIVISÃO E DISCIPLINARIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO..	15
04 - A DOMINAÇÃO VIA O INSTITUCIONAL - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES....	22
05 - CONCLUSÃO.....	31
06 - BIBLIOGRAFIA.	

.X.X.X.X.X.X.X.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMUS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Minas)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

INTRODUÇÃO

Este estudo, num primeiro momento, pretendia entender o sentido do desenvolvimento econômico para a classe empresarial e operária nas décadas de 40 e 50 em Uberlândia, ressaltando os mecanismos de dominação exercidos pelos empresários sobre o operariado e, por outro lado, a resistência oferecida pelos segundos. A escolha do tema havia se detido no fato de que entre 40 e 50 Uberlândia sofreu um vertiginoso crescimento populacional, proporcionado, sobretudo, na crença de que esta cidade e região era propensa ao desenvolvimento econômico. Nas décadas de 40 e 50 surgiram instituições com características bem peculiares, marcantes em seus fins e ações, visando o interesse da classe dominante nacional e local, com um discurso voltado para o progresso, desenvolvimento econômico e industrialização.

A preocupação com o espaço urbano (que sofre um crescimento desordenado), com a delinquência e a indisciplina são temas constantes nos discursos patronais. As atitudes desta classe demonstram uma necessidade crescente de disciplinarizar o trabalhador, e ainda, extirpar com os preguiçosos e os de maus hábitos.

Na década de 30, já vivia o país uma política de industrialização capitalista, dirigida pela cúpula da burocracia civil e Forças Armadas, apoiada amplamente pelas classes populares da sociedade. A política de industrialização adotada surgiu com alternativa eficaz à burguesia para enfrentar a crise de 29. E seria, exatamente, à partir desta década que a ideologia da ordem e do progresso enfatizaria a necessidade da industrialização.

Aliado ao tema "industrialização", o trabalho também ganharia novos espaços, sempre sob a ótica da positividade. Todo arcabouço teórico produzido pelo Estado acaba sendo incorporado pela sociedade brasileira como um todo, da qual Uberlândia também fazia parte.

Assim como no interior, a classe dirigente nacional constrói mecanismos que lhes assegurem o crescimento da economia. Tais mecanismos deveriam infiltrar entre os trabalhadores de forma a regular seu cotidiano, estabelecendo ou impondo valores que seriam de fundamental interesse para se efetivar o fim proposto.

A ideologia da ordem e progresso reforçou o projeto de industrialização, tanto a nível nacional quanto local. Os jornais da época tem papel fundamental na disseminação destas ideias. O tema industrialização, além do aspecto de crescimento econômico, é também vinculado à questão social. A Imprensa dignará grandes esforços no sentido de divulgar um amplo projeto de crescimento gerado pelas classes dominantes. Trabalharão, prioritariamente, com o contra discurso da ordem, a desordem, enfatizando ser esta a verdadeira desgraça nacional. A desordem, antes de mais nada, representaria a pobreza, um quadro cheio de sofrimentos, dores e miséria. Enfim, a completa descrença num provável progresso material da sociedade. Porém, este quadro poderia ser revertido sensivelmente quando da adoção deste "projeto chaminé" por toda a sociedade, uma vez que a todos beneficiaria, especialmente ao trabalhador, pois geraria inúmeros empregos, aumentando o poder de consumo e aquisição da classe trabalhadora, poder este constatado somente nos discursos. Enfatizarão e exaltarão a figura do trabalhador e do trabalho como verdadeiros construtores deste progresso. O discurso da positividade do trabalho será

extremamente ressaltado e trabalhado. A imagem deste trabalhador, como construtor deste progresso, consegue alcançar todos os operários, haja visto o amplo apoio dado ao governo de Getúlio Vargas nos anos 30, e o empenho desmonstrado ante a visualização de ascensão social, pela classe operária, nos comprova isto.

Não nos interessa, neste estudo, avaliar os momentos de crise por que passa o governo varguista, sobretudo após 1934. De antemão, basta-nos a conclusão de que, quando da adoção de um projeto de crescimento econômico via industrialização, o Governo e as classes dominantes contaram com um amplo apoio das classes populares para execução deste propósito.

Com o prosseguimento do estudo, de acordo com o levantamento de dados locais, apreceu-me impossível, para o curto espaço de tempo, executar bem meu intento. Necessário se fez uma reformulação e delimitação do tema, sendo, portanto, abandonados os estudos que abrangiam a década de 50 e fins da de 40, em Uberlândia, e ainda, o sentido do desenvolvimento econômico, o qual incluía um melhor aprofundamente nas noções de ordem, progresso, nação e industrialização.

A pesquisa acabou se delimitando sobre os primeiros cinco anos da década de 40. No entanto, faz parte de nosso propósito prosseguir com esta pesquisa que muito prazer, intriga e decepção conseguiu nos causar. Contando com mais tempo, teremos possibilidade de abranger um maior número de anos, o que com certeza nos ajudará a concluir coisas mais precisas sobre nosso estudo e, melhor entender este processo histórico vivido sob a ditadura do Estado Novo.

Por quê a década de 40 ? Estes serão anos marcados pela política populista, que incentivava a industrialização. Não fa

remos considerações que impliquem uma análise sobre a política econômica adotada após 1929, e que atinge os anos 40. Partiremos, assim, da política adotada e das medidas que com ela nortearam a vida nacional. É de nosso interesse também trabalhar a questão de que este governo ditatorial " muito tenha feito " pelo trabalhador, ressaltando o sindicalismo e a CLT. Esta é a imagem que o operário guardou deste período. Esta também foi a imagem divulgada pelos órgãos de imprensa e propaganda.

Já no âmbito local, neste período, Uberlândia viveu uma nova realidade social e econômica: A classe dominante local, com suas especificidades e instituições, canalizou suas energias e intentos em prol do desenvolvimento e progresso. Para tal, imprescindível se fazia a dominação de hábitos, formas de ação e atuação da classe operária. Nossa tentativa será a de encontrar um posicionamento político do operariado, uma resistência, ainda que muda, frente à exploração empresarial e à ditadura varguista.

Com relação a historiografia pesquisada, acabamos nos detendo em estudos que analisassem o momento histórico à nível nacional e local, que refletissem a preocupação com o movimento operário desta época, e mais, com estudos que pudessem nos fornecer um referencial teórico suficiente para embasarmos nossos achados e reflexões. Os autores que nos auxiliaram para tal análise foram, primeiramente, escolhidos à esmo. Bastava que tivessem algo em seus escritos que pudessem acrescentar à este estudo. E, sem dúvida alguma, muitos foram os que contribuíram para tal. Independente de posições ortodoxas ou não, acabaram ajudando decisivamente sobre nosso entendimento deste processo histórico dado, sobretudo após 1930.

Para análise do movimento operário, foi de enorme valia os estudos sobre os escritos de autores como Edgar Carone, Koval, e ainda, a tese da professora Jane F. Rodrigues-UFU. Sobre o Estado Novo refletimos sobre Francisco Alencar, Weffort, Ianni e, Celso Furtado, Luiz Carlos Bresser Pereira, etc. Para análise do todo, no entendimento do processo de dominação e resistência, tivemos como referencial teórico M. Foucault e Margareth Rago.

A pesquisa sobre a documentação local fixou-se em Atas e Processos da Câmara Municipal, em jornais e revistas da época, folhetos do Rotary Club, informativos sobre ACIUB, SESI e SENAI, e alguns balanços da Prefeitura Municipal de Uberlândia, que nos serviram para avaliar os recursos destinados à questão social. Sobre a historiografia local contamos com leituras de Tito Teixeira e Jerônimo Arantes.

Com relação aos jornais e revistas de época, os tópicos estudados foram os mais diferentes possíveis, de modo que pudéssemos encontrar nas entrelinhas alguma forma de resistência operária.

Nossa trajetória será dada, de antemão, pela dificuldade encontrada com respeito à documentação. Portanto, uma trajetória pouco feliz. Raríssimos foram os registros que nos ofereceram oportunidade de análise e entendimento do momento vivido.

Nossa tentativa foi a de resgatar algumas formas de resistência dos trabalhadores frente ao momento vivido, tentando dar, frustradamente, voz aos operários. Entretanto, os discursos da época e a imprensa local nos "privilegiam" com a voz da classe empresarial, os ditos "articuladores" do projeto de desenvolvimento e progresso desta cidade.

Sob a ideologia da industrialização e progresso, tentaremos, à partir deste estudo, encontrar os mecanismos que basicamente nortearam a dominação exercida pelos patrões, e tentaremos enxergar, na obscuridade, algumas formas de resistência operária na década de 40 em Uberlândia. Repito, fixando-se, prioritariamente, nos primeiros cinco anos dos anos 40.

Deixamos também, registrado aqui, e acima de tudo, o nosso protesto ao silêncio, à indiferença, descaso e displicência com que é visto nosso operariado. Um protesto à história que construíram desta cidade, onde espaço algum deu-se ao anônimo (Trabalhador), como se ele nada houvesse construído.

Isto nos impossibilitou a execução de um trabalho bem fundamentado, haja visto a escassez de documentos. Este fato também nos representa um desafio. O desafio de desmistificarmos esta imagem que nos é apresentada. Cabe a nós, historiadores e agentes históricos, buscarmos a clareza e o entendimento de um processo ' que contou com a participação de todas as classes sociais: a história.

Portanto, imprescindível se fez tratarmos a questão ' da resistência operária sob outra ótica: a da dominação e seus mecanismos; a da obscuridade e silêncio e suas implicações.

O MOMENTO NACIONAL - GETÚLIO VARGAS E O ESTADO NOVO.

Necessário se faz vincular a questão nacional à local. É preciso ressaltar o momento pelo qual o país vinha passando. Trata-se de uma época que ofereceu caracteres fundamentais para o processo de resistência operária que nasceria daí para frente.

À partir da década de 30, o modelo de industrialização brasileiro (substituição de importações) possuía como uma de suas características fundamentais o Estado como regulador e investidor da economia (dirigismo estatal), tendendo sempre a fortalecer o setor industrial, seja através da elevação das taxas cambiais, ou, seja através da transferência de rendas, pelos impostos, para a indústria. Outra característica fundamental deste modelo de industrialização foi a política de massas, a qual mencionaremos mais a frente.

Segundo alguns autores como Bresser Pereira, o modelo de substituição de importações foi originado pelo estrangulamento externo, destacando-se a primeira grande guerra e a crise de 1929, sendo marcado fundamentalmente pela diminuição das importações.

Entre os anos 30 e 40, o Brasil viveu esta primeira fase de industrialização marcada pela presença do Estado Populista. Com o colapso do Estado Oligárquico Mercantil, com a decadência da velha aristocracia agrária mercantil, o país enfrentou o problema de ausência de hegemonia política, isto é, o Brasil não

tinha uma classe social que pudesse assumir sozinha o papel de dirigente nacional, já que nenhuma delas conseguia ser hegemônica. Deste vazio político surge o populismo, caracterizado pelo pacto social.

A política de massas, o pacto social, seria ou deveria ser, prossegue Bresser, a combinação dos interesses políticos e econômicos do proletariado, classe média e burguesia industrial, de forma a fortalecer a criação e expansão da indústria nacional, ressaltando basicamente o desenvolvimento.

O Estado Populista tornou-se veículo de uma ideologia progressista, destacando-se a industrialização, o nacionalismo, a harmonia social, o progresso. Entretanto, o Estado Populista representou e privilegiou os interesses de uma minoria vinculada à implantação do capitalismo industrial. Ao líder populista caberia a função de mediador ou intermediário entre as classes dominantes e o operariado. Legitimado, isto é, contando com amplo apoio das classes dominantes e do operariado, restava agora executar o projeto de desenvolvimento idealizado para a sociedade civil como um todo.

O fato das classes populares terem aderido massivamente ao populismo nos remete à imagem de uma harmonia social, onde os conflitos de classe e os interesses de determinados grupos prevalecendo acabam obscurecidos.

Alguns autores sugerem que a massificação das classes operárias trazem por consequência uma crescente despolitização de seu comportamento. Alie-se a esta outras teorias que tratam do operariado e deste momento histórico específico determi-

nando uma ausência de consciência de classe pelo operariado, ou uma consciência presa a alguns fatores que acabam por impedir uma unidade, uma consciência efetiva de classe.

Nossa tentativa, ao realizar este trabalho, foi exatamente de tentar perceber uma verdadeira consciência de classe no operariado local, um reconhecimento popular do conflito entre classes, algo que pudesse desmistificar esta ideologia de harmonia social e de "tudo pelo social" criada.

Até a década de 30 era bastante reconhecida a organização operária e suas influências à nível do institucional. Segundo Boris Koval, interessava a Getúlio Vargas exterminar com tais instituições, como por exemplo o PCB, pois de caráter altamente revolucionário, seus seguidores eram tidos como "os mais perigosos inimigos da civilização cristã e do progresso do Brasil, destruidores da pátria, da nação e da família, e também da ordem e dos princípios morais da sociedade brasileira."¹ Some-se a isto os acontecimentos de 1935, com a Aliança Nacional Renovadora.

Campanhas se efetivam no sentido de liquidar com os comunistas brasileiros. "Foi apresentada ao presidente do Tribunal de Segurança Nacional a denúncia dos agentes nacionais e estrangeiros envolvidos em atividades de espionagem a soldo do México.(...) Como se vê, os traidores nacionais formam a menos de 32% do total de espões... Trata-se, nada mais, nada menos de nazi-facistas indígenas, que, impossibilitados de implantar o regime de seus sonhos neste país, trabalham pela causa em escala internacional.(...) Por outro lado, essa constatação obriga nossas

1 - KOVAL, Boris - História do Proletariado Brasileiro
1857-1967.

autoridades a redobrar a vigilância, a manter maior fiscalização em torno dos antigos integralistas, uma vez que o integralismo é o maior celeiro de agentes do Eixo."²

Nos últimos anos da década de 30, segundo Koval, o Brasil acabou transformando-se num campo de concentração, onde inúmeros crimes foram cometidos em nome da defesa das garantias constitucionais. "Estamos em guerra. Isto quer dizer: empenhamo-nos numa luta decisiva para os destinos da Pátria. Quem não estiver conosco, está contra nós."³

Em 1937 assiste-se ao golpe de estado que reafirma Getúlio Vargas no poder. Segundo Ianni, o Estado Novo surgiu para aquietar as massas. Afirma também, que, a partir de então, Getúlio Vargas reformulou lentamente as relações de poder público com o proletariado, dedicando especial atenção aos trabalhadores. Para ele, as leis salariais de pós-1940 tiveram por objetivo impedir realmente a pauperização drástica da classe operária.

"O Estado não quer, não reconhece luta de classes. As leis trabalhistas são leis de harmonia social - 1938."
 "Sempre tive em vista, ao resolver os problemas das relações entre trabalho e capital, unir, harmonizar e fortalecer todos os elementos dessas duas poderosas forças do progresso social...1940"
 "Numa sociedade onde os interesses individuais prevalecem sobre os interesses coletivos, a luta de classes pode surgir com o caráter de uma reação de consequências funestas. Por isso, as leis sociais, para serem boas e adaptáveis, devem exprimir o equilíbrio dos interesses da coletividade, eliminando os antagonismos,

2- Crimes diferentes - in: Jornal "O Estado de Goyas" 21.03.43
 nº 840

3- 1º MAIO - Discurso do Presidente Vargas - in: Jornal "O Re-
 pórter" - 05.05.43 nº 579.

ajustando os fatores econômicos, transformando o trabalho em denominador comum de todas as atividades úteis." ⁴

Portanto, a década de 40 surge acompanhada de um discurso em prol da democracia, do trabalho, da harmonia social e no combate ao facismo e nazismo. Exatamente em 1940 o PCB é totalmente liquidado. Cria-se o DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda, e outras instituições no intuito de divulgar a ideologia do Estado. No início dos anos 40 o Governo Vargas já adquirira estabilidade, estabilidade esta conferida pela repressão aos seus adversários e pela conciliação com várias frações da classe dominante. Aos órgãos de imprensa do governo cabia a função de criar e difundir uma imagem positiva do mesmo.

Getúlio, o "mestre da reconciliação" consegue o apoio dos grandes proprietários rurais, uma vez que deixou intacta a propriedade rural. Entretanto, tanto ele como as classes dominantes depararam-se com um grande problema: a insatisfação da classe operária, e o que isto representava.

O governo, então, intensifica sua atuação na questão social, sempre apoiado pelas classes dominantes. Em 1931, através de seu primeiro ministro do trabalho, indústria e comércio, Lindolfo Collor, o governo provisório aprova a lei de sindicalização que representava, na realidade, uma restrição à autonomia sindical. De um lado o governo protegia os trabalhadores, mas de outro lado, disciplinava a sua atuação via sindicatos. Em 39 fixa o sindicato único, limitado à atividades recreativas e assistenciais, proibindo a decretação de greves ou quaisquer ou-

4- VARGAS, Getúlio - As Diretrizes da Nova Política do Brasil -

Ed. José Olympio, RJ 1942.

tros protestos.

Em 1940 cria-se o salário mínimo com o objetivo de diminuir as dificuldades do trabalhador. Já em 45 é formada a Consolidação das Leis do Trabalho. O Governo acabou transformando-se em juiz das causas e conflitos entre patrões e empregados. Acreditamos desnecessária a discussão da neutralidade nestas questões, uma vez que o Estado estava completamente voltado para os interesses da classe dominante.

Portanto, o Estado transforma a questão social numa questão política, impediendo o trabalhador de se organizar independentemente deste.

Para autores como Koval, o governo de Getúlio Vargas entre 1937 e 45 consegue sufocar completamente o movimento operário. Alguns jornais da época conseguem nos passar esta conclusão. "O Presidente Vargas não só abordou a questão social com a maior clarividência do século; solucionou-a de acordo com as tradições e a índole brasileiras, mantendo, mercê de uma legislação incomparável, o mais estrito equilíbrio nas relações entre o capital e trabalho .(...) Não houve para esse fim, conflitos nem lutas dissolventes, como nos países onde o ódio entre as classes levantou barricadas e derramou sangue nas discórdias estéreis..."⁵ "Como industrial na terra brasileira, integrado no labor de sua gente, posso asseverar que o Presidente Vargas (...) tem conseguido por meios pacíficos resolver a questão social, criando um ambiente cordial de compreensão, colaboração e justiça entre o capital e o trabalho, uma das principais bases do progresso in-

5 - O Presidente visto pelos trabalhadores - opinião de um líder dos trabalhadores em transportes terrestres - Sr Ant^o Oliveira Aguiar - Revista "O Malho" nº 39 Abril/43 pag. 72.

industrial da pátria." 6

Como se vê, pelos pronunciamentos encontrados na época, tanto o operário como o industrial vangloriavam os atos do governo e de seu representante maior. Inúmeros são os artigos ressaltando a figura digna de G. Vargas. Nenhuma nota sequer foi levantada no sentido de contrariar este discurso. Sabemos que, à partir desta década de 40 muito pouca voz é dada ao trabalhador. Os que a gente consegue ouvir, através dos jornais, estão na mesma situação deste líder dos trabalhadores dos transportes.

Aparentemente, pela documentação encontrada e pelos próprios registros da imprensa local, esta situação mudará somente à partir de 1945, quando efetivamente se dará movimentos de resistência operária.

Mas, e nos primeiros anos dos anos 40 ? O operariado não resistiu à crescente pauperização à que foi submetido ?

Acredito que, num primeiro momento, o choque referente à implantação do Estado Novo em 37, que surgiu como forma de impedir uma eclosão social, o operariado possivelmente tenha se mantido inerte. Mas, à partir do momento em que adquire um corpo, que passa a pactuar com este estado populista, o operariado começa a exercer suas pressões.

É inadmissível pensar a classe operária, antes muito bem organizada, hoje sem uma consciência de classe, passiva e submissa aos interesses do estado.

Alguns teóricos colocam que a classe operária está presa ao caráter transicional de uma sociedade agrária que está se modernizando. Portanto, acabam indecisos sobre as duas orientações que recebe: a urbana e a rural. Acabam encontrando expres

são política nas lideranças populistas. Daí o apoio em massa dado ao governo populista de Getúlio Vargas, por exemplo, e à sua ideologia desenvolvimentista e de harmonia social, impedindo assim a emergência de um conflito.

Outros autores já colocam que o operário acaba sendo condicionado pela própria situação de dependência, característica de país periférico, e acabam se esquecendo de ressaltar a relação contralatória e conflituosa do capital e do trabalho.

Encontramos também teóricos que explicam a passividade do trabalhador deste período devido ao fato de que o trabalhador assalariado se sentiria privilegiado frente a carência vivida pela grande massa da população, o que necessariamente impediria um conflito entre as classes, permitindo, inclusive, a formação de uma solidariedade moral entre classe operária e ordem capitalistas.

Estas, como outras teorias sobre este assunto, acabam, na realidade, atestando um fato muito significativo: para estes teóricos o operariado é apenas um objeto da história. Entretanto, ele é o sujeito de sua própria história. É agente de transformação.

Não dá para avaliar o movimento operário como um conjunto homogêneo, haja visto a extensão do país e as especificidades de cada região ou cidade. Mas também não é possível anular a prática concreta do operário, matar no seu cotidiano atitudes que expressem alguma forma de resistência operária. É isto que tentaremos resgatar.

UBERLÂNDIA - DIVISÃO E DISCIPLINARIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.

".... a industrialização se comporta como um poder negativo de realidade urbana: o social urbano é negado pelo econômico industrial."

H. Lefebvre

No início do século XX, Uberlândia recebe diversos serviços e equipamentos urbanos tais como: escola pública, estação telegráfica, praça pública, abastecimento de água potável, cadeia, algum calçamento etc.

Neste momento, a cidade já contava com algumas indústrias tais como de beneficiamento de arroz, fábricas de banhas, curtumes, fábricas de cerâmica, calçados e móveis.

A partir de 1930, frente à uma necessidade crescente de diversificação econômica devido, principalmente, à concorrência com o sudoeste goiano sobre o comércio, empresários e imprensa começam a ressaltar a necessidade de um setor base da economia; a industrialização. Esta possibilidade é muito significativa para a classe dominante visto que, poderia resolver a questão social, eliminando a princípio, movimentos de protesto e revoltas causadas, sobretudo, pela miséria e mendicância sempre crescentes.

Desde esta década, a população passa a crescer vertiginosamente. Pela própria promessa de progresso que esta cidade representava, e aqui a imprensa desempenha papel fundamental, a imigração dá-se de forma intensa neste período. O crescimento do

espaço urbano foi desordenado, sem planejamento algum. Novos bairros operários aparecem, fruto da especulação imobiliária, realizada pela Empresa Uberlandense de Imóveis Tubal vilela da Silva, financiando lotes e casas à baixos preços à classe operária. A classe dominante ocupou as áreas próximas ao centro comercial e o operariado foi levado para a periferia. Entretanto, o espaço urbano foi sendo moldado pelas necessidades dos detentores do capital, 'colocando "cada um em seu lugar". Isto significa que o mesmo recebeu uma intensa e profunda organização que, por sinal, era imprescindível para o processo de industrialização e desenvolvimento da cidade. Esta organização abrangia um projeto rigoroso de infraestrutura, onde o saneamento, a limpeza e a ordem jamais pudessem ser esquecidas.

"A administração municipal precisa da colaboração do nosso povo neste sentido. Se cada um tomar a seu cuidado cooperar para que não se derrame a sujeira na via pública, teremos conseguido a perfeição da beleza.(...) Lucrarão os habitantes e lucrará o saneamento local.(...) E cooperar para que se afaste o inconveniente dessa exposição de sujeiras."⁷

Portanto, a tentativa é de conseguir o belo, não pela extirpação do feio, a sujeira, mas sim, pelo seu afastamento. Importava pois, esconder a mendicância, a pobreza e a miséria. E à elas une-se a questão do jogo e meretrício. Tidos por vícios malsãos, capazes de denegrir a imagem de um homem e de sua comunidade, é extremamente conveniente que sejam afastados, principalmente das ruas principais, uma vez que era impossível exterminá-los.

7- Jornal "O Repórtes" in Crônica da Cidade - 03.04.43 nº 571.

Numa sociedade onde permeava o discurso da ordem e do progresso, isto era incabível em seu meio de circulação. Tanto a mendicância quanto o meretrício, por exemplo, representavam um confronto direto e aberto a esta ideologia. Quanto ao trabalhador, cabia-lhe um espaço específico, visto que, por meio dele, a classe empresarial poderia mantê-los sob constante vigilância e mais, esconder a feiura de toda a sua pobreza. Daí o porquê dos subúrbios.

Portanto, o espaço urbano acaba transformando-se em uma forma disciplinarizadora do trabalhador, um mecanismo de dominação burguesa.

"A disciplina, às vezes, exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido pela monotonia disciplinar." ⁸ Então, para que a disciplinarização se proceda, importa estarem os indivíduos bem distribuídos no espaço urbano. Desse modo o controle passa a ser efetuado com maior rigor, e nenhum detalhe escapa aos olhos dos vigilantes. Assim, tem eles o poder de controlar a circulação destas pessoas, de vigiar a cada instante os comportamentos, e ainda, de evitar agrupamentos e contatos, tão nocivos para qualquer sistema de dominação. "Crescimento urbano-industrial, expansão demográfica na cidade moderna (...) os vizinhos já não se conhecem, não se pode confiar em quem está do lado, os sentimentos se tornam mais superficiais, os antigos laços de solidariedade se rompem, a vida já não é como antes." ⁹

Devagar, sem se dar conta, o trabalhador passa a ser

8- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir - História das Violências nas prisões. - Vozes - 1977

9- RAGO, Margareth. Do Cabaré ao Lar - A Utopia da Cidade Disciplinar - Brasil - 1890-1930

perseguido em todos os momentos de sua vida, pelo poder público ou privado; estes acabam regulando a maneira de morar, de se educar, de amar e até a saúde e o lazer do operário. Portanto, em todo o seu universo, o homem vai sendo afetado por todas estratégias criadas pelas classes dominantes, que visam subordinar o trabalhador e seu cotidiano ao bel-prazer de seus propósitos, propósitos dentre os quais se destaca a tentativa feliz de redefinição na maneira de pensar, de agir, nos hábitos e costumes do operariado.

Em Uberlândia, desde 1925 estes bairros operários começam a ser formados. Já na década de 40, o Estado começa a participar da produção e comercialização de casas populares. Com relação aos bairros populares, para se citar um exemplo, a Fábrica de Tecidos e Mogiana construíram casas bem próximas às fábricas e alugavam a seus operários. Eram denominadas "vilas operárias". Além de representarem investimento imobiliário, uma vez que os patrões recebiam pelos aluguéis, conseguiam manter o operário extremamente próximo ao local de trabalho, o que preservava e controlava a força de trabalho.

" Ecologicamente, o trabalhador mora em bairros próprios, localizados em terrenos menos valorizados (...). De preferência, suas casas são geminadas, ocupando quarteirões inteiros, sem quintais, cada uma delas localizada em terreno diminuto. Outros moram em blocos de casas construídas pelos proprietários das fábricas." ¹⁰ Esta estratégia em se fixar o trabalhador bem próximo à sua unidade produtiva, além de preservar e controlar a força de trabalho, controla também o tempo do trabalhador e delimita bastante o seu campo de atuação. O trabalhador acaba sendo privatizado pelos domínios da fábrica, o que por sua vez, acaba eliminando o contato deste com a cidade e a promiscuidade desta.

Aliás, em matéria de higienização e medicalização da cidade, grande era a preocupação do poder público, classe dominante e imprensa, em sanar com os possíveis males advindos dos bairros pobres, sujeitos e mais expostos aos surtos epidêmicos. "... a ação dos higienistas sociais incide também sobre a moradia dos pobres, de acordo com o desejo de constituir a esfera do privado, tornar a casa um espaço de felicidade confortável, afastada dos perigos ameaçadores das ruas e bares.¹¹" O trabalhador, tido como um ex-miserável, tem sua figura associada à de um animal dotado de instintos e sexualidade incontroláveis. Deve, portanto, como a todo animal, ser domesticado. E nada melhor que o ambiente do lar e as rédeas da forte ideologia perpassada no momento, a da ordem, a da limpeza, para se efetivar tal domesticação.

Mais uma vez a imprensa representará o papel fundamental na disseminação desta ideologia. Na limpeza e beleza da cidade, na exaltação desta e de seu povo, na propaganda constante de remédios que curavam os mais diferentes males, na incitação aos populares para denunciarem as áreas onde a prefeitura deveria efetuar algum saneamento, e ainda, conclamando juízes de direito a tomarem pé nas questões que envolviam casas de jogo e prostíbulos.

Transcrevo agora, das páginas de um jornal, um artigo que me chamou atenção, cujo tema era uma constante em outros jornais: a higiene pessoal.

" O Preceito do Dia : O Banho Diário. (...) o banho

11- RAGO, Margareth. DO CABARÉ AO LAR - Brasil - 1890-1930

é indispensável ao asseio e saúde dos indivíduos.(...) se tomado diariamente, põe a pele em condições de resistir melhor às mudanças de temperatura." 12

Considerado incapacitado para gerir sua vida pessoal, conta o trabalhador com a "assistência" dos especialistas e da imprensa. Se o trabalhador adquire por hábito se higienizar, a sua casa também sofrerá os reflexos desta decisão. Portanto, os detentores do poder, além de terem a certeza que o trabalhador se encontra confinado em seu espaço, agora podem se assegurar de que suas casas não serão invadidas por odores fétidos ou por alguma epidemia que poderia se alastrar pelas cidades e seus bairros nobres.

Sob o discurso da beleza e da limpeza, existia uma intensa preocupação em afastar da cidade, ou de suas ruas principais, as casas de meretrício e tavolagem. Nos jornais da época, alguns artigos retrataram esta preocupação. "...Esse requerimento merece melhor atenção por parte do ilustrado representante da justiça (...), pedindo-lhe providências enérgicas para o caso ... contra a entrada de menores nas casas de meretrício e tavolagem de qualquer espécie." 13 A abundância, o usufruto do solo e a liberdade virão para os miseráveis, mas não pelo dinheiro excoimungado dos jogos, mas sim pela boa vontade entre os homens na compreensão real das coisas necessárias para a vida civilizada! 14

Na década de 40, as transformações no espaço urbano são ainda mais profundas. Há uma intensificação do capital no campo, fortalecimento da malha rodoviária e ferroviária, diversi

12- O Preceito do Dia - Jornal "O Estado de Goiás" 17.02.45
 13- "Cortezia com Chapéu alheio - "Jornal de Uberlândia" 24.10.41
 14 - "Jornal de Uberlândia - 09.03.44

ficação no comércio e na indústria, e ainda, mais crescimento da população. Uberlândia, considerada importante centro de comercialização da produção de arroz, é colocada entre as cinco mais importantes em parques industriais e comerciais de Minas Gerais. Esta cidade "prometia" para um futuro muito próximo. Existia no ar uma ândia febril de prosperidade.

Os melhoramentos efetuados são em número crescente, com o objetivo de incentivar a acumulação e expansão do capital industrial. Dentre eles, o serviço de abastecimento de água, a ampliação da rede sanitária, o calçamento de ruas, etc.

A expansão das atividades artesanais provocou um certo êxodo rural frente à intensificação do capital no campo. Portanto, a mão-de-obra que aqui vinha disputar uma vaga no mercado encontrava à sua espera baixos salários, baixas condições de vida, moradias suburbanas.

A aglomeração destes desprovidos era motivo de muita preocupação para a classe dominante local. A necessidade de controlá-los, de dispô-los num espaço determinado, e mais, de dominá-los, seja em sua moradia, sua saúde, sua sexualidade, educação e idéias, fez surgir alguns mecanismos e instituições, adotados pela classe dominante, poder público e privado, visando impedir a emergência de algum conflito que prejudicasse a empreitada de desenvolvimento.

A DOMINAÇÃO VIA O INSTITUCIONAL = ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

"... o projeto político da cidade expressou-se através de uma linguagem calcada, principalmente, na valorização das instituições sociais, ressaltando valores éticos e morais, firmados, sobretudo, no trabalho e na ordem." 15

Mais uma vez ressaltamos a importância da imprensa na difusão desta ideologia que acabou transformando um projeto de uma determinada classe no projeto de uma sociedade como um todo. O papel de executor deste empreendimento era conferido ao poder municipal, no âmbito local, que como órgão aparentemente neutro, responsabilizava-se pelo progresso do município e da sociedade civil, através da cooperação de todos os indivíduos.

Desde a década de 30, existia uma preocupação com a questão social, com o trabalho e trabalhador. A partir de então, o social deixava de ser questão de polícia, transferindo-se a responsabilidade para o Estado.

A década de 40 representou o assentamento das bases fundamentais para a realização do amplo projeto de desenvolvimento e industrialização proposto pelas classes dominantes. A atenção dada à questão social, neste período, sofre um crescimento demasiado pois, frente às intensas aspirações do momento, este grupo de "marginais" representava, sob medida, uma forte ameaça ao "empreendimento".

O discurso progressista, adotado em nome da sociedade civil como um todo, passa a ser reiculado pelos mais diferen-

15 - RODRIGUES, Jane F.S.. Trabalho, Ordem e Progresso: Uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora Uberlândense - o setor de serviços - 1924-1964 - mimeo UFU - 1989-Uberlândia.

tes órgãos e instituições, sejam elas patronais ou sociais. As camadas populares também aderem a este discurso, prestando quando necessário, o seu auxílio ao poder público. Este, além de resgatar a positividade do trabalho, transfere uma profunda carga de energia no combate veemente à mendicância, do jogo, da prostituição e vadiagem.

Com relação à prostituição, conforme o dito na segunda parte, importava afastá-la dos domínios das ruas principais e não extirpá-la, pois, na realidade, a prostituição dentro de um espaço especial, estando confinada a ele e bem vigiada, representava uma válvula de escape, essencialmente vital para o equilíbrio da sociedade.

O combate veemente à prostituição se dá com relação à mulher pobre, principalmente. Encarada como um selvagem ou criança, incerta e desorientada, ela deve ser, então, reconduzida à reencontrar o bom caminho da sociedade em que vive, tendo ao seu dispor os socorros do Estado. " Para acabarmos com as delinquências femininas, que inadaptadas para a própria defesa, para salvaguarda dos sadios princípios morais, a solução indicada liga-se à obra cultural dando à mulher uma compreensão do seu grande mister na vida ... pelo trabalho honroso e dignificante é elemento a menos, furtado dos lupanâres e mantido inviolável no seio da sociedade." 16.

A ênfase dada, sobretudo à questão da vadiagem, faz com que, além das medidas repressivas de caráter social, a polícia seja cionada para auxiliar no seu combate, com o respaldo ,

16- "Jornal O Estado de Goyas" - 27.07.41 nº 676

inclusive, da Câmara Municipal. Participam também, e principalmente, desta ação os jornais, as entidades filantrópicas, os órgãos públicos e a população. Existia uma preocupação em se distinguir o vadio do mendigo. Para tal, juntas, Câmara e polícia, conferiam aos verdadeiros mendigos chapas que os identificava e possibilitava a esmolação. Desta forma, os vadios, os dito-sem-emprego, poderiam ser facilmente reconhecidos e combatidos. " indivíduos válidos e sadios, que por aí andam a explorar a caridade pública, sem outra razão além da ociosidade a que se acostumaram." ¹⁷ "... mulheres válidas que podiam ocupar-se em lavagem de roupas, ou serviços domésticos, não têm vergonha de andarem de porta em porta, implorando uma esmola, prejudicando os verdadeiros necessitados." ¹⁸

Através da imprensa, instituições sociais e filantrópicas conclamavam a população local a não colaborar no auxílio à estes vadios. " O dispensário avisa aos caros contribuintes que, embora com sua receita diminuta (...) desde fevereiro passado, não deixou de socorrer nenhum dos seus pobres, ainda necessitados, não se justificando pois, o fato d'alguns pobres menos disciplinados ou pseudo pobres, ou pobres de outras localidades estarem pedindo esmolas pelas ruas da cidade. NÃO DAR ESMOLAS PELAS RUAS É COLABORAR PARA A BOA ORDEM DO DISPENSÁRIO (grifos meus) " ¹⁹

Impossível nos passar despercebido, neste discurso, estas duas palavras - disciplinados e ordem - que refletem, na realidade, o estado de espírito e os conceitos básicos adotados

17 - MENDICIDADE in: Jornal " O Progresso " 24.05.1908 nº 36 Udi

18 - MENDICIDADE in: Jornal " O Progresso " 03.07.1911 nº 195

Uberlândia MG

19 - ídem

para nortear a sociedade civil. Os interesses das classes dominantes estão estreitamente vinculados na promoção do desenvolvimento, através da construção de um discurso "conciliando" interesses diferentes em nome da ordem e do progresso.

O discurso resgata também a positividade do trabalho, transformando-o no único meio possível do homem adquirir sua ascensão social. O trabalho passa a ser a lei à reger toda a sociedade. É sinônimo de virtude e honestidade. Constrõem a imagem do trabalhador como ser laborioso, construtor do progresso da nação.

Em 1933 é criada a ACIUB - Associação Comercial e Industrial de Uberlândia. Segundo Tito Teixeira "... a associação tornou-se um dos mais importantes pontos de observação e vigilância dos reais interesses do município."²⁰ Composta pelos melhores empresários locais, ACIUB define-se como a "associação de classe que congrega no seu quadro as forças econômicas do município e, é sempre no seu interesse que reivindicamos alguma coisa junto aos governos..."²¹

Na década de 50, já passamos a contar com a atuação do SIEPI e SENAI que, basicamente, funcionavam nos mesmos moldes, ou seja, voltados para o aprimoramento e preparação da mão-de-obra do país. " Neste sentido, da mesma forma que existia necessidade de uma formação de mão de obra destinada à indústria, foi necessário criar também um organismo especializado no controle do lazer, educação e saúde do trabalhador, que por sua vez deveria ser administrado pela Confederação Nacional da Indústria a-

20 - TEIXEIRA, Tito - História da Criação do Município de Uberlândia - Uberlândia Gráfica Ltda.

21- ACIUB por seu Ilmo Presidente - Geraldo Migliorini, sob of. nº 183/59 ao então governador de MG - Sr. José Francisco Fontes.

través de suas Federações Estaduais." ²²

ACIUB, SESI E SENAI eram instituições voltadas para o aprimoramento do trabalho e difusão do conceito edificante deste. SESI E SENAI, além da preocupação com o trabalho, definiam-se como defensoras e valorizadoras do trabalhador e de sua família. Preocupavam-se com o "bem estar social" dos trabalhadores e com o desenvolvimento do "espírito de solidariedade humana".

Aliás, embasado neste espírito de solidariedade humana, é fundado em 1936 o Rotary Club, dedicado à causa pública.

"... do objetivo de servir, servindo continuamente à coletividade, ao merecimento, à honradez, sem pejo das suas práticas, porque elas se fundam nas atividades que creem e no trabalho que enaltece." ²³ Segundo sua própria concepção, o Rotary é uma organização composta por profissionais do mundo inteiro, dedicados ao serviço humanitário.

Numa conferência nacional, um rotaryano apresenta uma tese denominada: "Pode o Rotary influir na vida social de sua cidade," ²⁴ Eles, os rotaryanos, assim acreditavam e assim faziam. Dentre algumas de suas obras ou influências podemos citar a "Escola Rotary", mantida pela Prefeitura, e a criação do Patronato Agrícola de Menores, na Fazenda Buriti, em Uberlândia.

Segundo um jornal, "O Sr. Dr. Helvécio Rosemburg... traçou, de início, segura rota para a solução de um dos mais importantes problemas da nossa economia social, com a assistência e proteção aos menores." ²⁵

Tal rota previa a internação de menores em local es-

22- PACHECO, Fábio Piva - Urbanização e Políticas de Saúde Pública em Uberlândia nas décadas de 50 e 60 - mimeo - UFU - 1988

23- Discurso pronunciado em reunião Rotary Club Uberlândia, em 04.08.58 - Uberaba MG - por sr. J.S. Rodrigues da Cunha.

24- Tese apresentada Conf. Distrital Fortaleza - 31.01.41 - Rotary Club, por Dr. Jacy de Assis.

pecífico, capaz de corrigir os maus hábitos tais como o jogo, afastando-os da vadiagem, disciplinando-os para o trabalho. Esta obra contaria com o apoio das classes abastadas, e assim, criaria-se o Patronato de Menores. Este, além de oferecer a exploração do menor no mercado de trabalho, edificava neste o sentimento de valorização do trabalho.

Portanto, importava domesticar e ajustar o menor às normas da sociedade, além de afastá-lo do perigo da delinquência.

A construção do Patronato recebeu a administração do MM Juiz de Direito Dr. Helvécio Rosenberg. O Patronato tinha por presidentes pessoas "caridosas", de mérito paternal, cuja preocupação era sempre de procurar melhorar as condições do Patronato, ampliando a produção, esmerando-se na educação física e cultural das crianças.

"O patronato dispõe de uma grande fábrica de telas de arame dirigida funcionalmente pelos menores, alguns já transformados em verdadeiros técnicos, cujo produto, exportado e lançado no comércio local, já é bastante para sustentar internamente o estabelecimento."²⁶ Sua organização e construção contou, além da ação rotariana, com o levantamento de R\$ 200.000 dos uberlandenses em fins de 1940, graças ao sentimento de "solidariedade" deste povo.

O discurso, no que se refere à solidariedade, era algo tão forte e tão bem difundido que podemos encontrá-lo como ponto de expressão e objetivo nas mais diferentes instituições das quais tomamos conhecimento, nesta época.

26 - TEIXEIRA, Tito - História da Criação do Município de Uberlândia.

Através de jornais pudemos ler alguns artigos onde a prefeitura reclamava e cobrava de seu caridoso povo verbas à fim de manter a Santa Casa e o Dispensário S V Paula, que relevantes serviços vinha prestando aos seus indigentes e à comunidade. "Amplará-la e prestigiá-la, praticamente concorrendo cada um com a maior ou menor contribuição, é dever dos que sabem alcançar e compreender a finalidade altruísta em que baseia sua ação, levando o conforto material e espiritual aos menos favorecidos da fortuna." 27

Achamos importante transcrever aqui parte de um discurso proferido na época e os comentários de um cidadão sobre o mesmo. " ... A maternidade e a criança não gozam da menor proteção. As leis destinadas a este serviço não passam ainda dos diários governamentais. A instituição pública é deficiente, havendo só em Uberlândia milhares de crianças que não vão à escola (...). Depois da noite em que transitei pelos bairros da pobreza uberlandense, compreendi e justifiquei a prática do crime para esta gente. Dentro da miséria das camadas baixas da cidade, na imensa desigualdade das classes sociais, uns jantando e outros sendo 'jantados, eu chego a admitir o direito de roubar e matar para obter víveres, roupas e remédios.(...) a obra de assistência social é nula e inútil. Nula e inútil porque praticada em proporções mesquinhas, não basta às necessidades das famílias mal protegidas." 28

"... Não seria interessante que naquela hora em que ouviam a palestra do Dr. Jacy, todos: aqueles senhores, portadores e controladores dos maiores capitais de Uberlândia e municí-

27- 1º aniversário do Dispensário S V Paula - Jornal "O Repórter" 02.02.43 " - nº 545

28- Mensagem de Fome e Miséria - proferida numa reunião do Rotary Club Uberlândia - 04.02.44 - por Dr. Jacy de Assis.

pio se levantassem e compreendessem que todas aquelas duras realidades que ouviam podiam ser exterminadas (...) e revertessem o dinheiro em benefício dos miseráveis e esfomeados? (...) Seria ' muito interessante, à vista do exposto, uma caridade por parte dos que ouviram a mensagem, cogitarem de auxiliar no extermínio total das misérias e fomes porque das palavras não se enchem estômagos e o consumo diário é dispendioso." 29

Na realidade, a caridade entra em cena quando da ameaça de algum perigo. Aí sim, a obra de assistência social é útil, na medida em que consegue sufocar esta ameaça. O discurso está ' tão bem introjetado que um rotaryano, espelhando-se no seu ideal de servir, questiona a sociedade, o poder público e as leis que não atingem seus fins em matéria das camadas populares mais pobres. Que sociedade é esta onde uns jantam e outros são jantados? A barbárie? Não, a civilização capitalista. O discurso da ordem e progresso, da positividade do trabalho só fez mascarar isto. ' Mas, aqui é que se fundamenta a relação capital/trabalho. Uns ' enriquecem graças a expropriação dos outros. Assim foi a construção deste progresso e desta sociedade que aí se encontra. O trabalhador sendo sempre espoliado, explorado e enganado.

Ora, um representante da classe social mais abastada de Uberlândia reconhece que a caridade não atingiu seus propósitos, ou antes, suas promessas. Chega a admitir a prática do crime pela sobrevivência frente àquela situação escabrosa por ele assistida. Por quê um discurso de tal força não foi amplamente divulgado e nem sequer constou nos jornais e revistas, à não ser pelas considerações de um cidadão que fez referências ao mesmo, sem porém transcrevê-lo? Tanto o discurso como o seu conteúdo eram al

tamente perigosos e nocivos à sociedade da ordem e do progresso. Por quê, então, tamanho reconhecimento dado pelos rotarianos ao discurso do Dr. Jacy de Assis ?

Consideramos, que o ilustre advogado tratou de uma séria questão que pedia providências ou soluções imediatas. O roubo, o crime são estados produzidos pelo mais alto grau de carência material, a miséria extremada. Esta, constante, representa uma resistência do trabalhador ao próprio processo produtivo, pois uma vez como força de trabalho, recebendo em seus vencimentos verdadeiros salários de fome, ora, melhor roubar e matar para sobreviver do que trabalhar.

Na realidade, este discurso do Dr. Jacy nos serviu para mostrar que a indisciplina e a desordem chegavam a ser admitidas frente à carência material em que se encontrava o trabalhador. Ou melhor, este discurso justifica a ação, isolada ou não, dos indivíduos paupérrimos. Daí, poderíamos supor que este tipo de ação se dava e era extremamente combatida. Infelizmente, não era comentada ou divulgada, assim como o discurso também não o foi, à não ser no seio da classe dominante. Ele representou um aviso de perigo, a urgente necessidade de se contornar uma situação ameaçadora.

CONCLUSÃO.

Registramos aqui, antecipadamente, nossa imensa dificuldade em se concluir e analisar este período que abrange 1940 a 45, exatamente devido a exatidão de documentação. Analisando o período do Estado Novo, considerando-se que esta foi uma época em que a repressão e a censura correram à portas abertas, consideramos coerente a atitude da imprensa local em não atacar o governo deste período descaradamente. Sabe-se que entre 37 e 45 inúmeros foram os jornais e revistas fechados por determinação do Governo e do DIP. Sabe-se que nenhum artigo ou seu original circulava sem o visto da fiscalização governamental.

O que repudiamos, entretanto, na imprensa local é que, mesmo anterior a este período, muito pouco se falou e se deu espaço ao operariado.

Desde 1930, quando o discurso da ordem e progresso entra em voga, pela imprensa local a impressão que se tem é que operário e patrão tem uma vida harmônica; aparentemente não existem conflitos.

Ora, fizemos este estudo sob dois tópicos apenas, referendando a dominação. Nosso objetivo é traduzir qualquer que seja a resistência operária nesta década de 40, até o ano de 45. Trabalhamos com dominação via espaço urbano e instituições (sociais e empresariais), com o objetivo único de enxergar esta resistência. Via o institucional podemos, de antemão, afirmar que esta não se processou.

Com relação ao movimento grevista o que pudemos encontrar próximo a este período de estudo foi: agosto/37 - Greve dos Chauffeurs e Janeiro/46 - Greve dos Bancários de Uberlândia.

Avaliando-se à nível local, são oito anos que separam estas duas greves. Oito anos que significaram uma lacuna com relação a movimentos coletivos operários nesta cidade. Oito anos compreendidos exatamente sobre o período analisado.

Consideremos: estavam os operários satisfeitos com a legislação doada por Getúlio Vargas ? Por que então a resistência dos mesmos ao se sindicalizar ? " Muitos não se sindicalizam, enquanto outros fazem pouco caso."³⁰ Será que nem o caráter assistencialista dos sindicatos interessava aos trabalhadores ? " A Associação dos Empregados do Comércio de Uberlândia (...) vem proporcionar aos seus associados assistência médica, farmacêutica, dentária e jurídica, tendo para isso anexo à sua sede e sob sua direção a já conhecida Beneficência Popular ..."³¹

"quem não estiver conosco está contra nós," dizia Getúlio Vargas. Teria o trabalhador o medo da morte ? Será que esta ideologia progressista, que trazia a imagem do trabalhador como um indivíduo pacato, ordeiro, nacionalista, teria se infiltrado de tal maneira no operariado, impelindo-o de reagir mesmo mediante à fome e à miséria ? Porquê os noticiários não trazem a denúncia de um crime sequer, seja ele homicídio, furto, roubo, estupro etc. ? Onde estava este trabalhador ? Confinado nos domínios da fábrica e dos subúrbios ? O que pensava ? Estas questões requerem um estudo mais aprofundado sobre o cotidiano do

30- Rumo aos Sindicatos - Jornal de Uberlândia 14.02.37 nº 108.

31- Jornal " A Tribuna " - 13.04.43 nº 1667

trabalhador, mas, onde está a luz em meio a tanta obscuridade ?

Voltando a Boris Koval, o movimento operário está completamente sufocado entre 37 e 45. Não existe nenhuma instituição sólida capaz de conduzir o operário a qualquer movimento. Trata-se de uma posição ortodoxa, que entende a resistência operária somente à nível coletivo, via instituição ou partido. Sob sua perspectiva realmente não há resistência operária pois, Vargas quando do golpe, extinguiu os partidos políticos.

Octávio Ianni nos coloca a seguinte questão: o trabalhador possuía uma grande inexperience política, proveniente da própria composição urbano-rural que se forma na cidade, sobretudo após 1945, graças a intensa migração ocorrida nesta época, contingente este absorvido pela fábrica. Segundo ele, depararemos com dois universos culturais distintos, o que influenciará a formação e organização de classe. O que teremos serão grupos que se formam visando uma mudança de posição na escala social. Entretanto, por mais verdadeira que seja esta teoria ela descarta totalmente uma consciência do operariado quanto o conflito de classes. Por mais que não haja uma consciência de classe, enquanto coletividade, é inadmissível pensar que o trabalhador não tem consciência dos conflitos e não luta por seus interesses resistindo de alguma forma.

Levantamos a seguinte questão: O Governo e a classe dominante conseguiam sempre se articular e solucionar os conflitos antes que emergissem ? Isto, categoricamente, sempre ? Apesar do trabalhador não ter neste momento uma instituição de apoio,

é possível pensar-se em resistência operária ?

Acreditamos que sim, e apesar de não termos documentação que nos assegure isto, cremos veementemente que sim. Óbvio está que, mediante tantas cassações, perseguições e a intensa preocupação em se difundir uma ideologia democrática e progressista, o que podemos concluir apressadamente é que algo havia no ar.

A CLT não é fruto da boa consciência cristã de Getúlio Vargas. Na realidade, ela garante o mínimo possível apara a sobrevivência do trabalhador. Mas este não foi um ganho aleatório. "... a conclusão que se impõe é óbvia: a legislação trabalhista, no seu espírito e no processo de seu implemento, carrega as marcas das lutas operárias, mas também as de sua derrota."³² A CLT foi fruto de uma luta que se iniciou organizada à níveis institucionais, e que após 1935, depois da Aliança Nacional, vai perdendo este caráter para, em 40, realizar-se praticamente à nível individual.

Portanto, há resistência. Ainda que muda, mas há. A CLT se consolida representando, na verdade, marca de derrota dos trabalhadores. Com ela se instala um novo intercâmbio entre patrões e empregados, feito via sindicato. Os dirigentes sindicais nada mais foram que meros instrumentos nas mãos do Ministério do Trabalho e do próprio empresariado. Portanto, a linha de atuação política fornecida e organizada pelos sindicatos estavam sempre

32 - MUNUKATA, Kazumi - A Legislação Trabalhista no Brasil.

de acordo com os interesses governamentais, muito longe das aspirações do operário. Em Uberlândia, os operários resistem demonstrando pouco caso e displicência em se organizar em sindicatos.

Com a CLT, as condições de atuação dos operários ficam completamente limitadas, e esta legislação não impediu a continuidade do confisco salarial, pelo contrário, veio reforçar o progresso do capital.

Assim, com que armas lutar frente à completa organização e disciplinarização do mundo do trabalho e da produção ?

Por mais complexo que seja o sistema ele nunca deixa de possuir suas lacunas. A resistência, ainda que muda, processa da na surdina, não deixava de acontecer.

Dai nosso propósito em analisar basicamente o espaço urbano e as instituições surgidas na época. Todo o processo de disciplinarização e isolamento do trabalhador pressupõe uma preocupação demasiada em extirpar com os conflitos e resistências. Entretanto, estas resistências estão aí, no cotidiano do trabalhador. O espaço urbano não consegue ser totalmente controlado, há um reconhecimento de indivíduos nunca disciplináveis, que estão a cometer furtos, latrocínios, meretrício, mendicância, etc.

Ainda que, através de seus discursos, ações e instituições a classe dominante local tenha atingido seus propósitos, ela não conseguiu extirpar com os tão divulgados males.

Acreditamos que muitas resistências deste nível conflitaram com os discursos da época. Talvez o trabalhador tenha se silenciado um pouco por conviniência. É claro, reconhecemos também a grande adesão popular dada ao governo populista de Vargas. Nossa crença se reside no fato de que pós 45 são inúmeros

os casos e denúncias encontrados nos jornais. "Nosso povo recebeu com o mais franco desagrado a extemporânea e reacionária medida feita baixar pelo governo federal, proibindo o proletariado de realizar manifestações de rua no dia 1º de Maio." 33

"Povo de Uberlândia | Companheiros e trabalhadores | ... aqui estamos para pedir seu apoio nas nossas reivindicações fomos todas tocadas do emprego como se fôssemos seres desprezíveis, como se fôssemos animais da selva e isso, pelo simples fato de termos pedido que nossos salários fossem melhorados... Não estamos mais na época da escravidão. Desejamos de volta nosso emprego e todas as indenizações a que temos direito...." 34

Ressaltamos a vinda de Luiz Carlos Prestes à esta cidade, em 1946, tema constante em diversos jornais da época. Parece impossível de acreditar, mas foi incrível a forma como toda a sociedade se mobilizou para aguardar a chegada deste.

Acreditamos que este fato também nos ajuda a confirmar nossas suspeitas. Ainda que silencioso, ainda que adormecido, o operariado não estava desmantelado.

Nosso estudo e nossa busca foi como tatear no escuro. Nada mais justo e coerente pois retratou um período no qual o trabalhador viveu sob o teto negro da ditadura varguista. Porém, é uma busca que não se dá por vencida e nem satisfeita.

Creio que conseguimos traçar alguns caminhos que nos indicam a presença de resistências, ainda que individuais. Acreditamos que, mais que indicar formas de resistência operária, captamos estas à nível da sociedade como um todo, resistências estas oferecidas às normas burguesas.

33- O povo protesta contra a proibição reacionária - J. "O Estado de Goyas" - 04.05.46

34- Não deixem cometer conosco tamanha injustiça - J. "O Estado de Goyas" 04.05.46 nº 1162.

BIBLIOGRAFIA

- 1- ALMEIDA, Francisco - História da Sociedade Brasileira - RJ - Livro Técnico - 1979.
- 2- ARANTES, Jerônimo - Memórias Históricas de Uberlândia - 2ª ed. Zardo Gráfica Uberlândia - 1982
- 3- CARONE, Edgard - Movimento Operário no Brasil (1877-1944) Vol. I - Difel - 1979 - São Paulo SP
- 4- ----- - Movimento Operário no Brasil (1945-1964) Vol. II - Difel - 1981 - São Paulo SP
- 5- FAUSTO, Boris - A Revolução de 30 - Historiografia e História São Paulo. Ed. Brasiliense, 1976.
- 6- FOUCAULT, Michel - Vigiar e Punir - História da Violência nas prisões - Ed. Vozes - Petrópolis- 1977, RJ.
- 7- ----- - Microfísica do Poder. Ed Graal RJ 5ª ed. - 1985.
- 8- FURTADO, Celso - Brasil: Tempos Modernos - coletânea. 3ª ed. - Paz e Terra- 1979 RJ.
- 9- IANINI, Octávio - O Colapso do Populismo no Brasil - 3ª ed. RJ 1975 - Ed. Civilização Brasileira.
- 10- MUNAKATA, Kazumi. A Legislação Trabalhista no Brasil. Ed. Brasileira - SP. 1981.
- 11- RAGO, Margareth - Do Cabaré ao Lar - A utopia da cidade disciplinar - Brasil- 1890-1930 - Ed. Paz e Terra - 1985.
- 12- SCHWARTZMAN, Simon - Estado Novo, um auto retrato. Brasília - CPDOC/FGV. Ed. Universidade Brasília - 1983, Coleção Temas Brasileiros, 24
- 13- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Estado e Subdesenvolvimento Industrializado. 2ª ed. Ed. Brasiliense - 1977 - S;P.
- 14- RODRIGUES, Jane Fátima S. - Trabalho, Ordem e Progresso: Uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense - o setor serviços - 1924-1964 - tese de mestrado - mineo - USP SP 1989.
- 15- TEIXEIRA, Tito - História da Criação do Município de Uberlândia. Ed. Uberlândia Gráfica Editora.
- 16- WEFFORT, Francisco - O Populismo na Política Brasileira - 2ª ed. RJ. Paz e Terra - 1980.